SANDEEP KUMAR MISHRA

UM CORAÇÃO MUITOS PEDAÇOS

(UMA COLEÇÃO DE POEMAS E ARTE)

Bestseller and many award winning poetry collection

One Heart- Many Breaks

TEKTIME

Prémios e distinções
Livro dos mais vendidos da Amazon
Medalha de prata de favoritos dos leitores
Lista restrita da International Book Awards
(ABF – Association des Bibliothécaires de France)
Lista restrita do Indies Today Book Award
Lista restrita do Literary Titan Book Award
Lista restrita do New York Book Festival

Título
Um coração – Muitos pedaços

Autor
Sandeep Kumar Mishra

Translator
Teresa Lopes
Capa e outros trabalhos gráficos
Sandeep Kumar Mishra

Ilustração
Hetal Mishra (10 anos)

Editor
Rukesh K Sharma para a "Indian Poetry Review Press"

Impressão e publicação
Tektime

Edição – 1.ª /15 de maio de 2022

Copyright @ R K Sharma
Copyright @ Sandeep Kumar Mishra

Índice

Prémios e distinções
Sobre a Coleção de Poesia
Lembrar
Sobre o Poeta
Agradecimento
Pintei um oceano

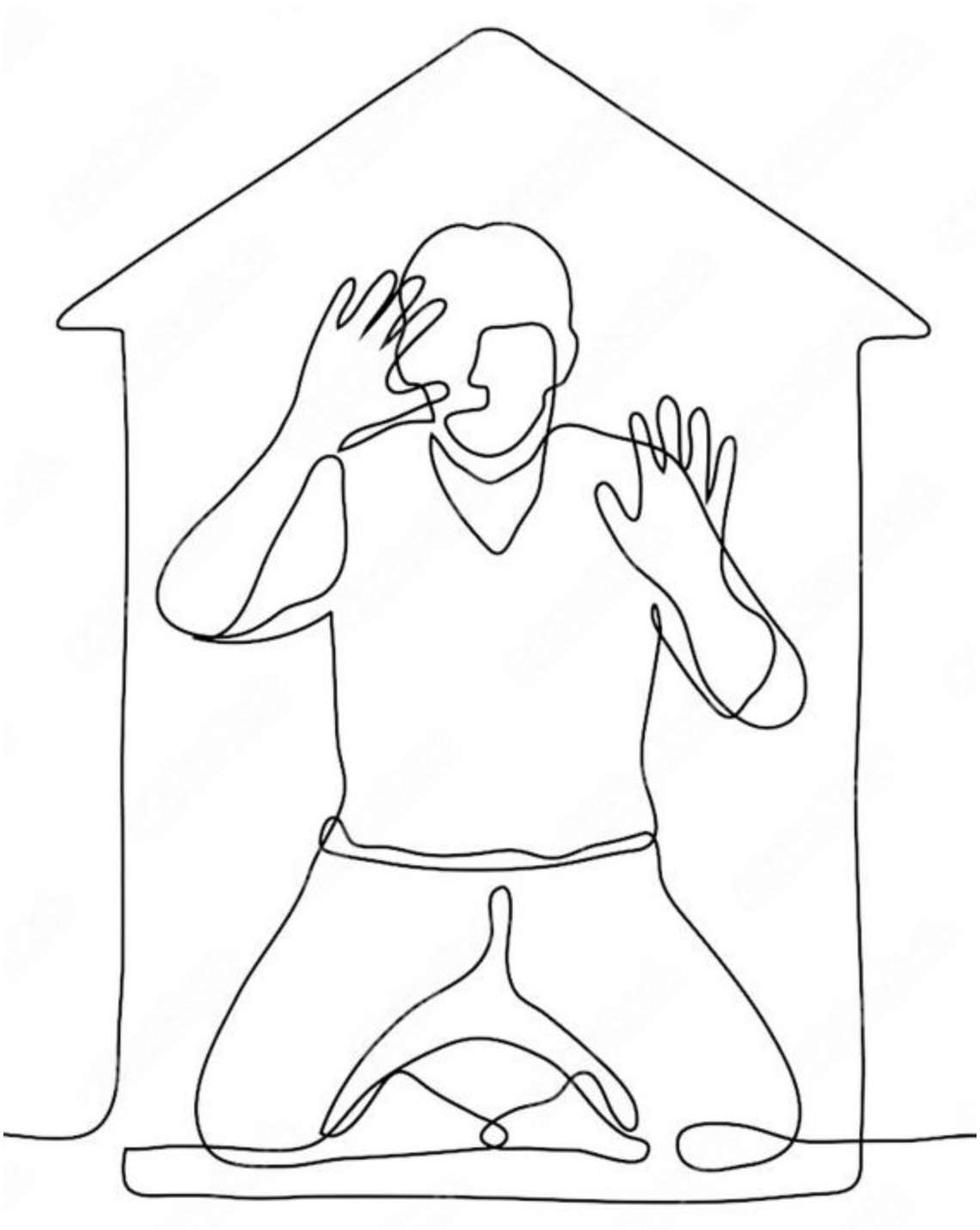
Pintei um oceano

Pintei um oceano
mas esqueci a costa,
não havia barcos,
quando olhei mais de perto,
era a minha navegação de isolamento
como as ondas do mar.

Procurei sozinho durante séculos
para adicionar viajantes à minha viagem.
Ainda singelo permaneço neste deck mortal

Preciso de uma ilha para ancorar,
Quando chamo pelo rádio,
Ele torna-se um monólogo silencioso para fora,
a resposta vem
do ressoar interior

Com todos os tsunamis do
do seio do núcleo
Sinto-me a conulariida sem pérolas.
Embora tenha a vastidão do
Mar Morto, mas sem o farol
do fervor da vida



A minha galeria

Na parte de cima do meu corpo soa uma campainha cognitiva
de uma ligação de marcação com fios,
O modem funciona apenas
para fornecer, repetidamente, o fax

de caminhos de família áridos e nus.

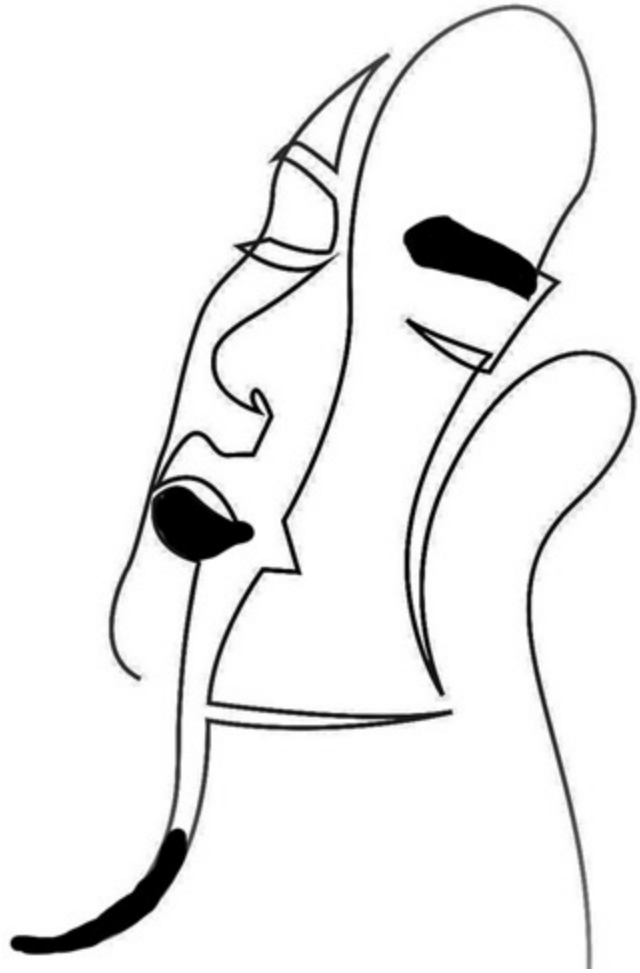
Passo pesado interior do fardo diário enrolando-se,
agarrando-se na subida; Não há vivacidade;
a força vital é um parasita,
Como vou inalar a vida?

Os meus dias e noites estão pregados
numa célula do cérebro,
A minha voz retida,
Assenta num plano para lutar com a minha alma
residente no meu próprio crânio
e dita notas imitando o meu tom
Não pude desintegrar a minha recordação

Com a minha sombra escura a abandonar-me
Fico apenas eu, comigo próprio,
Porque é o meu cérebro um buraco negro?
Não podia ser um universo
saído de uma constelação de enxaqueca, comprimidos,
seringa, dor nas costas e insónia?

O sonho tornou-se um padrão morto
Tão gasto como um brilho fossilizado,
Tudo se tornou similar
exceto o peso da consequência
que tem variações de resistência

Ao percorrer a perdição
o meu desequilíbrio será retificado,
Penduro a arte que me resta na parede
pois após o tempo determinado a minha galeria chegará ao fim



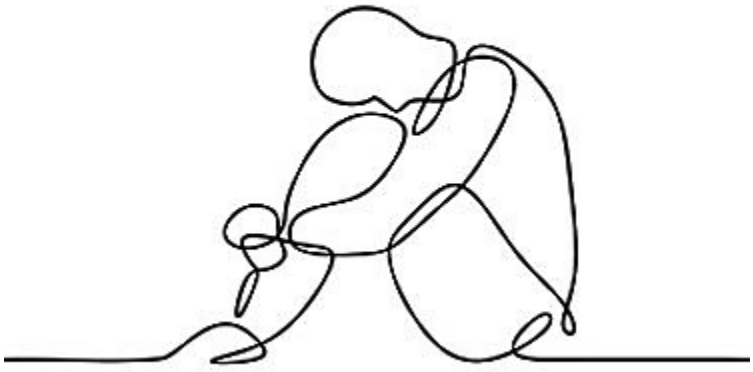
A morte do rio

O meu cabo elétrico mental compõe imagens de rotas desgastadas
depois de ocorrer um curto-circuito
nos caminhos dos fardos diários

O meu corpo doente treme sob o seu
peso da pele de rígida costura apanhada como escombros.
Exaurido da força da vida,
pois tenho pouca energia para respirar.
A voz que oiço não é a minha,
Dita anotações em tons familiares,
mas cheias de frases estrangeiras,

que disfarça de convite

Queria poder dissolver-me da
memória ou esconder-me na caverna da minha caveira,
mas não é acertado sufocar.
Depois chegou um riso não aprendido,
Uma primavera emerge nos raios solares
Um mar emerge da morte dos rios
Há duas formas de viver uma vida,
Eu posso seguir a que é difícil



Traz-me mais dor

Quer ver esse alter ego de ébano
que me levará ao meu futuro condenado
para ver se há uma aberta nas nuvens

Não, espera! Mudei de ideias
depois de algumas deliberações, pois pode
mostrar-me também as vicissitudes vindouras
Posso não conseguir enfrentar

Reconciliar-me-ei com os meus
sonhos em torpedos, coração espasmódico,
noites poucos frequentes, dias raros,
o corpo cansado e a alma atrás de grades

Agora sinto o pulsar perfurado
No centro do meu coração quando
a vida recusa torturar-me

Uma alma em pequenos goles

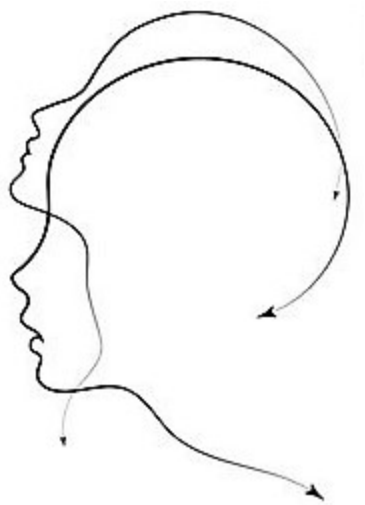
Apenas consigo ver a sombra negra
do infinito tagarelar da ilusão,
uma ilusão da própria existência,
uma ilusão da futilidade da humanidade

O brilho do ecrã celestial transmite
uma demência persistente,
Neste estado de insana superioridade,

a moralidade torna-se vã, enquanto
formas opostas se engolem umas às outras

Respiro dor, respiro medo
Quero conseguir aquele silêncio negro
onde todas as formas se desvanecem.
Deverei viver para provar os pecados?

Não tenho coragem quando conheço
o amargo de beber em pequenos goles
uma alma caída, mas doce.



Um sono à venda

Todas as noites vagueio na cidade da minha cama
para comprar tranquilas delícias caseiras,
Sombrios mistérios fantasmagóricos da vida humana
persuadem-me a escapar
dos dias de luta e contenda

Anseio por partir para essa terra de esquecimento,
Pesquiso esse território desconhecido, mas
não consigo encontrar uma forma de me cansar,
Com desejos não realizados pairando frequentemente
a minha fantasia bem desperta tece brilhantemente a sua teia

You've Just Finished your Free Sample

Enjoyed the preview?

Buy: http://www.ebooks2go.com